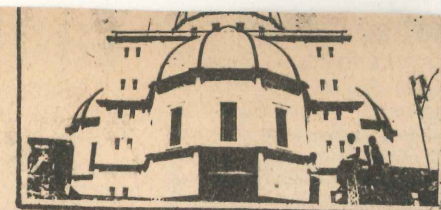


Santo Antônio, uma história cheia de lances dramáticos

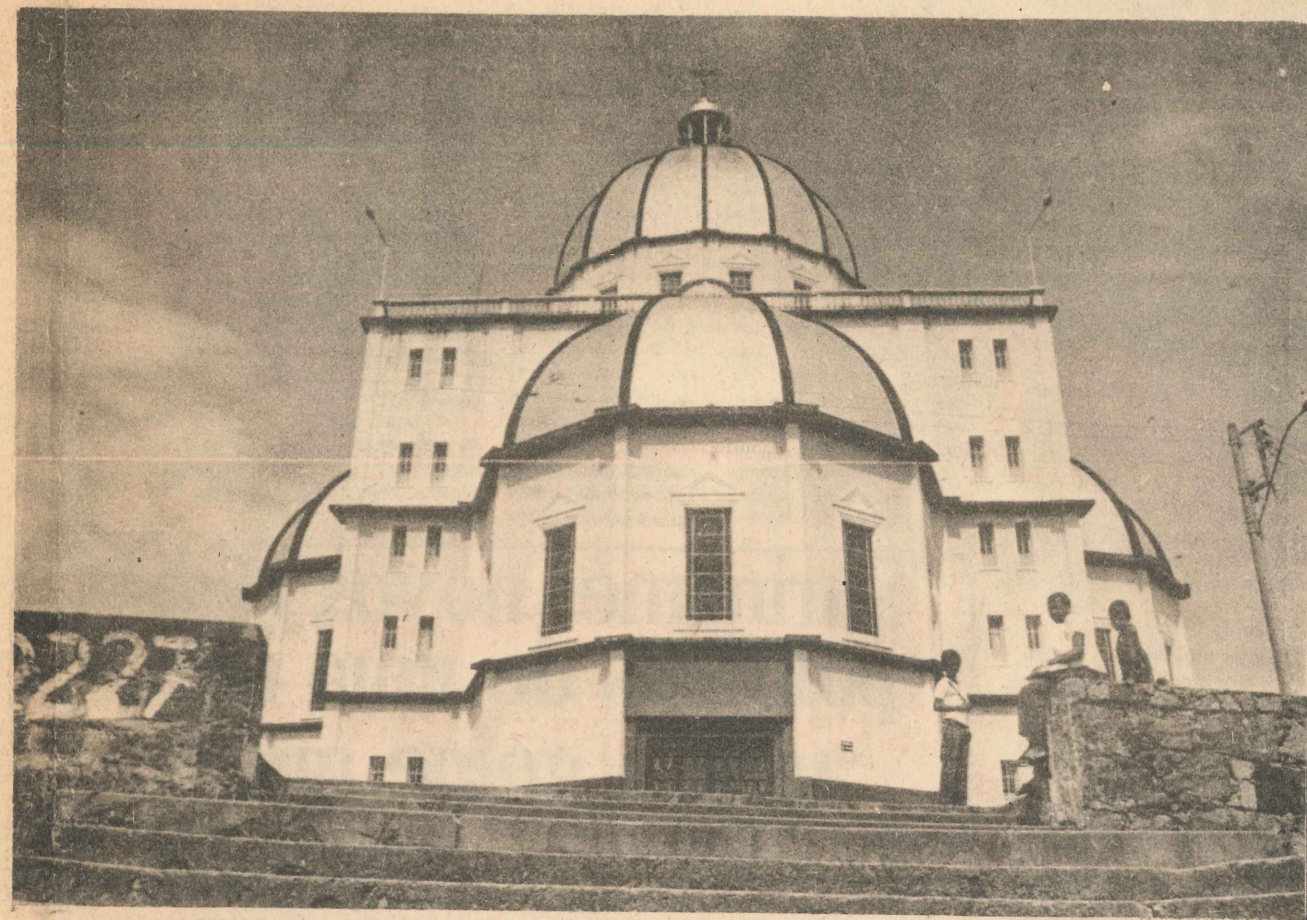


Texto: Cloves Geraldo Fotos: Eneas Mateus

119993

O bairro de Santo Antônio tem mais de um século. A data de sua fundação não é comemorada porquanto os moradores não sabem o dia certo. Mas é colhendo depoimentos com os mais velhos é que se monta a sua história a partir de 1911, quando existiam algumas casas e os três cemitérios. Três deles Mário Pereira de Oliveira, Pedro Bissoli

e Cassimiro Fonseca rememoram os anos que estão no bairro e permitem uma visão do que ele foi. Hoje é um bairro-dormitório cuja proximidade do centro evitou que lá existisse um centro comercial forte. Restam a tranquilidade das ruas, a bela vista do alto do Santuário Santo Antônio de onde se vê os contrafortes das montanhas e o mar.



Santuário de Santo Antônio: uma réplica renascentista nos tempos modernos.

No bairro Santo Antônio os velhos cultivam a cesta com o mesmo rigor de um árabe que só volta a trabalhar após um descanso de no mínimo duas horas. Eles levantam cedo, cumpre o roteiro cotidiano indo aos bares, à Praça da Bandeira, à casa dos amigos até às 11 horas quando retornam às suas casas para o almoço e o descanso até às 14 horas, para recobrem as forças afim de refazerem o itinerário da manhã.

Os moradores já se acostumaram a vê-los também junto ao antigo Cais do Avião observando a garotada jogar pelada. As crianças cumprimentam-nos. "Ei seu Mário!" "Eles estão presentes nas ruas como Pedro Bissoli, um simpático velinho de 84 anos, sempre de chapéu de aba curta na cabeça, que pode ser visto fora do horário da cesta cruzando as ruas, sentado em seu bar favorito conversando com seus amigos, caminhando pela calçada rumo à Praça da Bandeira onde passa horas confabulando com as pessoas.

CESTA. É SAGRADA

A cesta é sagrada. Procurar os velhinhos fora desse horário de perambulação pelas ruas para reencontro com os amigos é pecado. Os mais novos cuidam de alertar o estranho: "Agora é hora da cesta, nem adianta procurá-los!" maioria deles veio de fora e fincou suas raízes no bairro. A história de Santo Antônio pode ser contada sem eles. Mário Pereira de Oliveira, o mais velho morador do lugar é um deles. Chegou em 1911, vindo de Cariacica onde nasceu.

Quando mudou para Santo Antônio tinha seis anos de idade. O bairro era então um acanhado aglomerado de casas velhas. Havia 15 residências nas proximidades dos cemitérios (Boamorte, São Benedito e Municipal). Eram moradias acanhadas e pobres, algumas cobertas de cumbucas, outras de palha. A paisagem era dominada pelos morros cobertos de árvores e o mangue com sua vegetação aquática.

LEITE, PENSÃO E FUTEBOL

Vivia-se em função do centro de Vitória, como acontece até hoje. A única casa comercial era a de Abreu Português, uma venda de secos e molhados, que servia refeições aos transeuntes. As famílias não tinham os benefícios de um leiteiro à porta. Tinham de caminhar até a fazenda de Maria Portuguesa em Inhanguetá para buscar leite. Esta função cabia aos garotos que nas

problemas do mundo. O pior comentário que poderiam fazer era com referência aos tuberculosos confinados num hospital na Ilha do Amazonas, em Cariacica. A religião imperava. A maioria saía aos domingos para assistir missa na Igreja do Carmo. Em Santo Antônio o padre Davi celebrava missa ao ar livre. Já se começava a falar em construir uma igreja para o bairro.

A sensação para a juventude na época era o cinema. O cine Politiama, então um barracão de táboa, é descrito por Pedro Bissoli como um cinema de pé chão, dada a sua falta de piso. A entrada para se ver fitas mudas, no ano da invenção do cinema falado, com Al Jolson transformando-se em Cantor de Jazz, era de 600 réis.

Mas não só o cine Politiama faz parte das recordações de juventude de Pedro Bissoli. Ele gostava mesmo era de ficar no Parque Moscoso ouvindo a banda tocar retretas e valsas. Em Santo Antônio, salvo pelo campo de futebol do Estrela e do Santo Antônio, inexistiam outras atrações que prendessem lá seus moradores, o que aconteceu até hoje.

CAIS DO AVIÃO

No final da década de 20, na explosão da Bolsa de Nova Iorque, o bairro empolgase com a construção do Cais do Avião, que iria impulsionar o seu crescimento. Logo os hidroaviões estavam rompendo a monotonia do bairro. As naves da Panair e da Condor traziam personalidades que os moradores só sabiam de sua existência pelo rádio e jornais da época. De surpresa poderiam chegar astros hollywoodianos como Tyrone Power, o boxeador gigante, Primo Carnera, um rei europeu, o presidente do país, o ditador Getúlio Vargas.

Com eles desembarcavam personagens anônimas, cafeicultores de Santa Leopoldina, Santa Tereza, Colatina, que mantinham a atividade comercial do cais em crescimento. Ele funcionava como escoadouro de produtos agrícolas vindos de Rio de Santa Maria, Gabino Rios e Santa Leopoldina. O cais da Lenha já perdera o sentido. A infra-estrutura agora era outra.

O ir e vir de personalidades criou um ambiente alegre para os moleques que ficavam no cais esperando que alguma delas atrasse um Santos Dumont no mar para eles se engalfinharem até encontrar a moeda de prata. Os lépidos voltavam a tona com a moeda. Esses garotos hoje têm mais de 50 anos e recordam aquele tempo sem nostal-

No dia seguinte e o jornal O Globo estampava em sua manchete: "Desafio e Ultraje ao Brasil". No mesmo dia a revolta ganhou as ruas, como relata Pedro Calmon. (...) na manhã de 18, as manifestações se iniciaram com os estudantes da Faculdade Nacional de Direito e seus mestres à frente, no Rio de Janeiro, transformando-se nas avenidas centrais em formidável movimento público de repúdio à agressão (...)"

Declarada a guerra ao eixo (Alemanha, Japão e Itália) os oriundos desses países tornaram-se inimigos. O clima de revolta só chegaria a Santo Antônio em 1943, em função das manifestações ocorridas no Rio de Janeiro. A população inflamada tendo à frente os estivadores inundou as ruas para combater os dois alemães do bairro. Espalhou entre os moradores um boato de que eles tinham em casa um rádio transmissor para dar notícias do Brasil lá fora.

BOATO CORRENTE

Estas afirmações eram comuns na época. Bastava ser filho do inimigo para ser um espião. E os moradores prevenidos, tendo como referência os navios brasileiros afundados por informações desses transmissores entraram em ação. Segundo um morador do bairro foi o clima emocional que derrotou o povo. Este invadiu a Fábrica de Sabão Yori dispostos a bater em Heitor Yori que diante da ameaça entrou no banheiro. Os manifestantes então puseram sua fábrica abaixo.

"Eles perderam a cabeça e roubaram tudo — comenta Mário Pereira de Oliveira. Depois descontentes estragaram o material roubado e foram embora sem bater em Heitor Yori". O pior aconteceria com Maya cujo sítio naquelas alturas atraía mais a ira de alguns burgueses por estar se apossando de grandes extensões de terra em Santa Tereza do que por atividades política, conforme relatos de vários moradores.

Os manifestantes encontraram-no acamado. Pegaram-no e trouxeram-no para fora aos gritos de nazista! Nazista! espião! espião! e dependuraram-no numa banheira. Os demais manifestantes correram atrás de seus animais, pegaram vaca, meteram um pau em seu cabo (expressão de Mário Pereira), comeram um porco e um cachorro pensando que era porco.

Alguns desviaram-se de seu objetivo e sevicieram uma moça. O alemão ma-

m2, conforme informações do responsável pela entidade que preferiu não identificar-se publicamente (sic). Os moradores, porém, dizem que o terreno foi doado aos padres em troca de graças a e uma viagem à Roma, tendo os pavonianos cuidado dela até a sua morte.

O mencionado responsável desmente estas afirmações dizendo que a entidade tem escritura e que as críticas não têm fundamento, pois os pavonianos ampararam a viúva até a sua morte. As terras adquiridas foram transformadas em empreendimentos imobiliários a partir de 1950. O responsável mostra a planta dizendo que toda uma extensão foi invadida, as demais quadras foram vendidas, inclusive a da polêmica Pedreira de Santo Antônio, já interditada e depois liberada por um juiz.

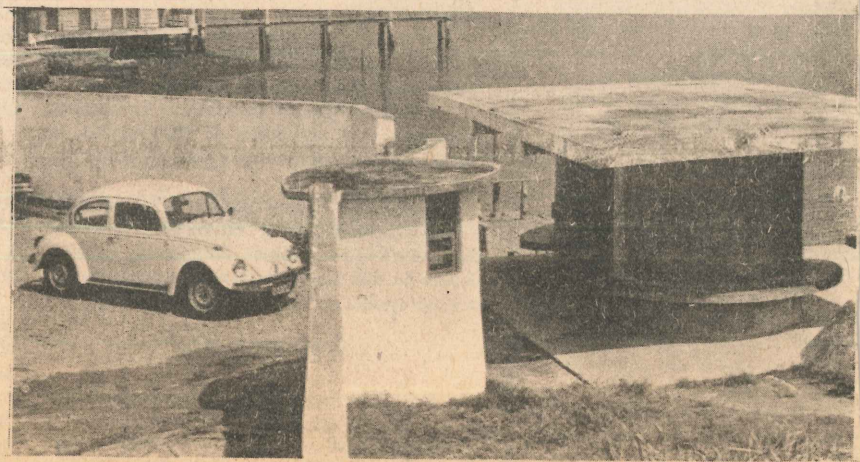
PEDREIRA E POLUIÇÃO

Uma senhora qualificou a pedreira como o câncer do bairro. As famílias ficam atônitas com as explosões duas vezes por dia, às 11 e às 17 horas, incomodadas com o pó de brita que cai incessantemente sobre móveis e veículos estacionados nas vias públicas. E temerosas de uma pedra cair na cabeça de uma das crianças que estudam no Parque Infantil Darcy Vargas e na Creche Casulo Bela Vista.

O referido responsável admite que quando do loteamento em 1950 já haviam algumas residências nas proximidades da pedreira, mas não há poucos metros dela como hoje. E concorda que ela é prejudicial funcionando nos moldes atuais, mas adiciona como outros moradores que ela dá trabalho às pessoas e ficam perto das casas em construção, eximindo-se de qualquer culpa porque a pedreira não pertence à en-



Uma harmonica convivência entre a vegetação e as residências



Quando mudou para Santo Antônio tinha seis anos de idade. O bairro era então um acanhado aglomerado de casas velhas. Havia 15 residências nas proximidades dos sítios (Boamorte, São Benedito e Municipal). Eram moradias acanhadas e pobres, algumas cobertas de cumbucas, outras de palha. A paisagem era dominada pelos morros cobertos de árvores e o mangue com sua vegetação aquática.

LEITE, PENSÃO E FUTEBOL

Vivia-se em função do centro de Vitória, como acontece até hoje. A única casa comercial era a de Abreu Português, uma venda de secos e molhados, que servia refeições aos transeúntes. As famílias não tinham os benefícios de um leiteiro à porta. Tinham de caminhar até a fazenda de Maria Portuguesa em Inhanguetá para buscar leite. Esta função cabia aos garotos que nas horas de folga jogavam futebol, que já começava a aquecer o sangue dos brasileiros. O campo do Estrela Futebol Clube era a solitária diversão dos moradores do bairro na segunda década deste século.

A atividade comercial mais intensa desenvolvia-se no Cais da Lenha (rua Archimiro Mattos) onde desembarcavam as mercadorias — banana, cana de açúcar, café e lenha — provenientes de Ilha Grande, Rio de Santa Maria, sendo que o último produto vinha de Cariacica. Dois comerciantes (Cleto e Antônio Cheira Vala) vendiam diversos objetos e cereais aos viajantes e comerciantes. Era uma vida pacata, sem grandes lances emocionais.

CHEGOU O BONDE

Na mesma época que Mário de Oliveira chegou a Santo Antônio a monotomia começou a ser quebrada. As linhas do bonde foram instaladas. E ele veio para fazer ponto final junto ao cemitério. O bairro ganhava uma atração. Mas logo a novidade se tornou rotina. Vitória ainda ligava-se ao continente através dos barcos. O transporte de mercadorias era feito por Argolas e Porto Schmidt. Inexistia a ponte Florentino Avidos, a Cinco Pontes (na verdade uma ponte com cinco vãos).

Quando o baiano Cassimiro Fonseca desembarcava na Praça Costa Pereira, em primeiro de dezembro de 1924, vindo de Salvador, indo morar na rua Roças Velhas, Vitória nem traçara ainda a avenida Capixaba. Em seu lugar existia uma serralha e carpintaria do serrador Buzatto. Santo Antônio era um lugar afastado, mais conhecido por ser o local dos cemitérios. Suas perspectivas de crescimento eram mínimas.

VASTO DESERTO

Em 1927, o jovem Pedro Bissoli mudou-se de sua cidade natal Guarapari, para a rua Paraguassú (hoje Brás Rubim), em Santo Antônio, com mulher e os três filhos. Tinha então 31 anos. "Fui criado na lavoura, quando vim para cá tive de procurar ofício e comecei a trabalhar como pedreiro". Sua vida seria a mesma de inúmeras pessoas que hoje enfrentam o problema da condução para chegar ao trabalho.

Tomava o bonde de manhã para ir trabalhar na Praia do Canto, ponto final da linha. Pagava 500 réis para ir de reboque por um percurso de uma hora. Aquele era o preço para pobre, como diz Bissoli, os mais graduados iam confortavelmente dentro do bonde livres dos incômodos dos sacos, sacolas e apertos do reboque.

Mesmo com a facilidade do bonde, Santo Antônio ainda era um deserto. Em 1927 as casas de palha permaneciam plantadas no ambiente pacato do bairro. Mas já haviam um matadouro, local atual da sede do Santo Antônio Futebol Clube, e uma venda de secos e molhados maior que a de Abreu Português, a de Deoclesiano Dias.

CINEMA DE TABOÁ

Os moradores viviam afastados dos

Quando mudaram a cabeça e roubaram tudo — comenta Mário Pereira de Oliveira. Depois descontentes estragaram o material roubado e foram embora sem bater em Heitor Yori". O pior aconteceria com Maya cujo sítio naquelas alturas atraía mais a ira de alguns burgueses por estar se apossando de grandes extensões de terra em Santa Tereza do que por atividades políticas, conforme relatos de vários moradores.

Os manifestantes encontraram-no acamado. Pegaram-no e trouxeram-no para fora aos gritos de nazista! Nazista! espião! e dependuraram-no numa bananeira. Os demais manifestantes correram atrás de seus animais, pegaram vaca, meteram um pau em seu cabo (expressão de Mário Pereira), comeram um porco e um cachorro pensando que era porco.

Alguns desviaram-se de seu objetivo e se vieram uma moça. O alemão machucado morreria dias depois. Muitos dos participantes se aproveitaram da situação para saquear o sítio. "Houve quem se apoderasse de suas terras" recorda um morador. Até Pedro Bissoli por ser descendente de italianos temeu por sua família. Por encontrar-se fora, num sítio que tinha em Jacupemba, mandou que a mulher pegasse móveis, documentos e máquina de costura, deixasse na casa de uma amiga do casal, e fosse para o sítio com os filhos.

NOVOS MORADORES

O bairro ganhava novos moradores. Já não eram só os migrantes nordestinos e do interior que para lá se mudavam. Aos poucos a paisagem modificava-se. Estivadores, funcionários públicos, trabalhadores do mercado e policiais construíam lá suas casas. O aspecto de bairro popular continua. As casas de palha permaneciam na parte de baixo quase junto ao mangue e as ruas mal traçadas.

Os nordestinos com sua fama de serem fundidos a ferro e fogo são vistos assim por Pedro Bissoli. "Aqui nesta época existiam muitos e eram brigões. Vinham de fora, largavam a mulher lá e arranjavam outra aqui. É lógico que tinham uns bons, mas no meio deles haviam uns espírito de porco". Mas Santo Antônio não se tornou uma colônia nordestina a exemplo de São Miguel Paulista, em São Paulo, onde moram pelo menos 3 milhões de nordestinos.

ALEMÃES E IGREJA

O alemão Heitor Yori talvez aproveitando o florescimento do bairro construiu lá nos anos 30 sua fábrica de sabão. Enquanto isso seu compatriota Maya criava porcos, galinhas, cultivava hortaliças no sítio de Santa Tereza. Mas sabiam que Adolf Hitler, na Alemanha chocava o ovo da serpente que se metamorfosearia numa hidra, vindo uma de suas cabeças para o Brasil, onde se chamaria Integralismo.

Ainda era cedo para conjecturas. Nos anos 30 o Cais do Avião ia de vento em popa. Os dois alemães estavam integrados à vida do bairro. E segundo os moradores remanescentes daquela época não eram nazistas (?). Bissoli fala naquela época como a do nazismo e do comunismo. Ele mesmo estava interessado mesmo era na construção da igreja-matriz.

Participava da arrecadação de fundos para a sua construção por meio de cestinhas e leilões. O projeto era do arquiteto Aurélio Porto. E ele Bissoli o mestre encarregado para executá-lo. Em 1940, após 10 anos de sucessivas paradas, a igreja-matriz foi concluída. Encerrava-se uma década de sacrifícios. "O local da igreja era pura lama, foi preciso aterrar com 150 metros de pedra" — justifica Bissoli.

ANOS DA GUERRA

O ano de 1942 se transformaria numa agonia para alemães, italianos e japoneses fadados no Brasil. Yori e Maya naquele ano não foram incomodados. Tudo começou com o torpedeamento do navio brasileiro Cabedelo, em fevereiro daquele ano. "De 15 a 17 de agosto de 1942 cinco barcos brasileiros foram postos no fundo perto da costa de Sergipe (Baependi, Itagiba, Araraquara, Aníbal Benévolo e Arará). Desapareceu com um deles o 8º Grupo de Artilharia, destinado a Natal... Elevou-se a 607 o número das vítimas" — conta Pedro Calmon em sua História do Brasil, volume 6, pág. 2.320.

Uma senhora qualifico a pedra como o câncer do bairro. As famílias ficam atônitas com as explosões duas vezes por dia, às 11 e às 17 horas, incomodadas com o pó de brita que cai incessantemente sobre móveis e veículos estacionados nas vias públicas. E temerosas de uma pedra cair na cabeça de uma das crianças que estudam no Parque Infantil Darcy Vargas e na Creche Casulo Bela Vista.

O referido responsável admite que quando do loteamento em 1950 já haviam algumas residências nas proximidades da pedra, mas não há poucos metros dela como hoje. E concorda que ela é prejudicial funcionando nos moldes atuais, mas adiciona como outros moradores que ela dá trabalho às pessoas e ficam perto das casas em construção, eximindo-se de qualquer culpa porque a pedra não pertence à entidade.

SANTUÁRIO ROMANO

A visão expansionista dos pavonianos pode ser constatada também pela construção do Santuário de Santo Antônio, iniciada em 8 de dezembro de 1956. Seu modelo é o do Templo della Consolazione de Toti-Bramante, de Umbria, norte de Roma, construída entre 1508 e 1606, durante o Renascimento, que serviria de paradigma à Catedral de São Pedro.

Em 1971 o santuário foi terminado. O orçamento inicial de Cr\$ 7.500,00 terminou acrescido de outros milhares de cruzeiros. Foi carpetado. Os fiéis quando vão à missa limpam os pés para não sujar o piso do templo que construíram rebentando pedras, carregando-as nas costas, removendo toneladas de terras, colocando tijolo sobre tijolo. Suas escadarias ainda não chegam à estrada do Contorno. Os fiéis e visitantes são obrigados a subir pedra acima como numa penitência ou fazer uma volta para chegar até ele.

OUTRAS ATIVIDADES

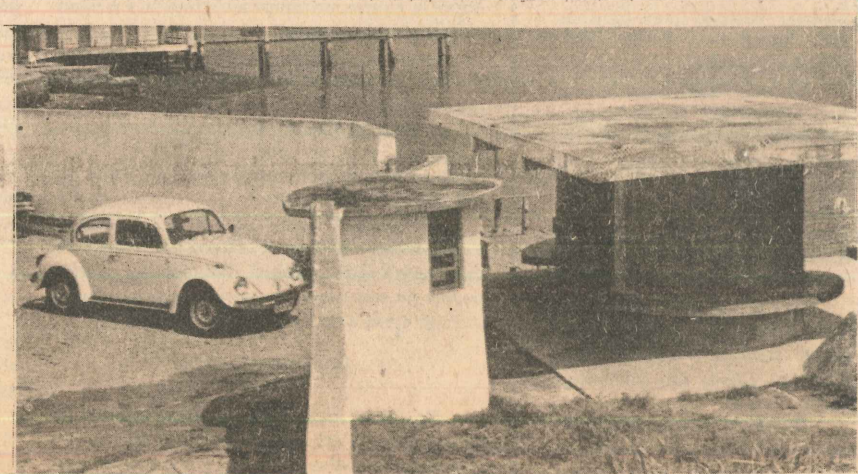
Entre outras atividades os pavonianos mantiveram entre 1948 um cinema em funcionamento no prédio ocupado no momento pelo posto médico do Inamps. De dia ensinavam-se catecismo à criançada, à noite exibiam-se os mesmos filmes para os adultos. Hoje os pavonianos são responsáveis pela Paróquia de Santo Antônio, pelo Santuário, Igreja de São Sebastião no Alto de Caratoira, as Comunidades de Inhanguetá, da Condusa próxima à ilha das Caieiras, e dos bairros São Pedro e da Ilha das Caieiras, e o colégio Ludovico Pavoniana onde estudam 743 alunos.

Enquanto os pavonianos criavam comunidades do bairro se desenvolvia. Nos anos 50 chegaram as primeiras peruinhas para servir de opção de transporte para os moradores, avançando até a Viação Vitória atual. O comércio se diversificava surgindo açougues, bares, mercadinhos, padarias, farmácias ao longo da avenida Santo Antônio. Entretanto a proximidade do centro viria a impedir que este comércio se tornasse forte.

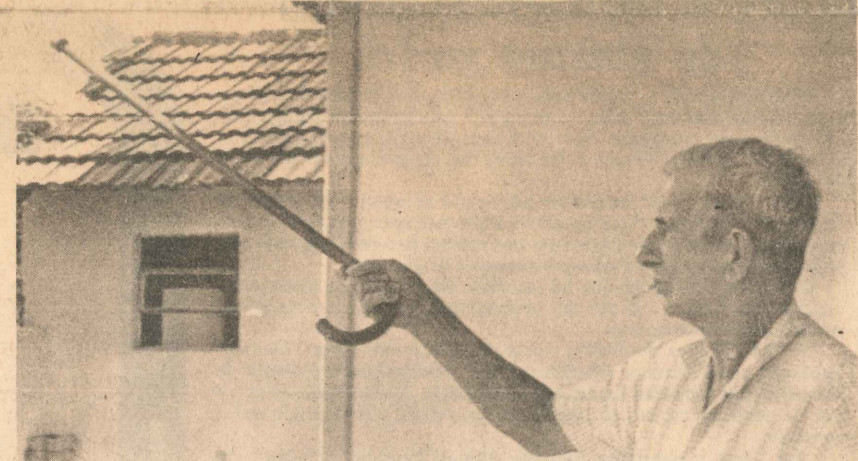
Romildo Pomper Mayer assegura que Santo Antônio não tem maior movimento porque o bairro não tem saída. "Só passa em Santo Antônio quem vem a Santo Antônio" — explica. Gerente do maior supermercado do bairro ele desmente que não exista condições para haver diversidade comercial em Santo Antônio. Isso parece não convencer às outras pessoas. O bairro não tem uma agência bancária, nem uma loja de roupas.

TRADIÇÃO E SOSSEGO

O que existe é muito pouco para as necessidades dos moradores que encontram o pequeno comércio na avenida Santo Antônio e estrada do Contorno. Podem ser encontrados dentistas, manicures, serralhas, estúdio fotográfico. A assistência



Cais do Avião: lembranças dos tempos em que Tyrone Power descaia em Santo Antônio.



Mário Pereira de Oliveira, o Mário Barbeiro, o mais antigo morador do bairro.

médica centraliza-se no Centro de Saúde (rua Ernesto Bassini), no Posto do Inamps (avenida Santo Antônio), no Hospital Oswaldo Monteiro (Ilha da Pólvora) e no Centro Social Urbano Raulino Rodrigues da Rocha, próximo ao cais do avião.

Este último atendeu de maio a julho de 1.812 pessoas, entre consultas odontológicas e médicas. As doenças mais comuns no bairro são nas crianças problemas de pele e nos adultos problemas neurológicos e cardiológicos. No Centro Social funciona ainda o pré-escolar com 190 alunos de idade variável entre 2,5 a 6 anos, e cursos profissionalizantes (manicure, cabelereiro, datilografia, auxiliar de escritório e confeitiro) à noite, tendo em média de 15 a 20 alunos por curso.

Junto ao Centro Social existe a Escola de 1º Grau Major Alfredo Rabaoli, funcionando em dois turnos (manhã e tarde). Seus 670 alunos mora no bairro ou vêm de Vila Velha e Ilha das Caieiras para lá estudar. Por ser um lugar afastado e existir pouco movimento de pessoas as duas escolas sofrem invasões, são roubados objetos. Maria Ilse Dário Vinho, diretora do Centro Social conta que já levaram aparelhos de som e alimentos da instituição.

FALTA ESCOLA

Apesar de ter seis escolas no bairro falta-lhe uma de 2º Grau. No Alberto de Almeida, onde uma média de 800 alunos estudam do 1º ao 4º ano, é que funciona o Instituto Educacional Rio Doce, entidade particular, voltado para o 2º grau. No Alvimar Rocha estudam 1.020 alunos do pré-escolar à oitava série em três turnos. Os estudantes destas escolas são da classe média para baixo.

O bairro não perdeu em si a característica popular. As casas do núcleo mais antigo são cinzentas, construídas com os sobrados que começam a aparecer principalmente nos lados da rua Ernesto Bassini. Nota-se que há um sentido de comunidade fechada. Os

jovens frequentam o Caranguejão, sede do Santo Antônio Futebol Clube, clube que a maioria dos moradores não se dispõe a falar muito nele depois que seus dirigentes cometeram a heresia de transferir de lá o seu campo.

Os velhos fucham-se em casa para ver televisão. Homens como Cassimiro Fonseca, de 77 anos, criaram o folclore do bairro. É nas sextas-feiras santas que alguns moradores se reúnem para fecharem o corpo tomando o milome, raiz amarga curtiada na cachaça. O costume Cassimiro Fonseca trouxe de Salvador onde se diz que o milome cura mordidura de cobra. Quando veio para Santo Antônio os demais moradores começaram a procurá-lo para tomar um cálice à fim de evitar os males dos maus espíritos.

O sucesso levou os adeptos do milome a fundarem o Clube do Milome sem pagamento de mensalidades. Na Semana Santa faz-se torta para ser comida após o cálice de milome. Em 1979 cerca de 50 pessoas tomaram 10 litros do líquido cor avermelhada.

CLUBE DA LÍNGUA

Mais curioso é o Clube da Língua fundado por Mário Pereira de Oliveira, o Mário Barbeiro. Este ganhou uma língua de madeira e sem saber o que fazer com ela decidiu propor a criação de um clube em que só 25 pessoas participariam. Todo ano seus membros deveriam jogar na loteria e quem ganhasse promoveria uma festa para os demais e seus convidados.

São estas manifestações que mantêm os moradores mais velhos unidos. Os jovens parecem seguir seus costumes. O jovem José Vitor Amorim Zardini, de 17 anos, diz que em Santo Antônio é assim mesmo, "os pais vão falando e os filhos vão ficando por aqui mesmo". Porém, os moradores não admitem que o bairro seja conservador, acham que não, é apenas um lugar tranquilo e bom de si morar.